

Novas escrituras e mediações  
em saúde

## O Direito à Busca da Felicidade - A Vida e a Educação de Surdos no Brasil

Resenha sobre o documentário  
“Travessia do Silêncio”

Carla Rocha Pereira  
Antropóloga.  
carlaperei@gmail.com

DOI:10.3395/receis.v4i5.429pt

### Sinopse

Documentário sobre a relação dos surdos com o mundo dos “ouvintes”, utiliza o testemunho de pessoas nessa condição e de seus familiares para mostrar os desafios que vivem em situações cotidianas, como freqüentar a escola, jogar futebol ou mesmo participar de uma aula de dança. A jornalista acompanha personagens marcantes, como um deficiente que interpreta o Hino Nacional por meio da linguagem dos sinais.

Após gravar uma série de documentários cujo fio condutor gira em torno de vários tipos de travessias (do escuro, da vida, do tempo, da dor e do ar)<sup>1</sup>, com a Travessia do Silêncio a documentarista Dorrit Harazim leva o espectador a um panorama sobre o debate de duas grandes vertentes do aprendizado e vida dos surdos no Brasil: o mundo dos “oralizados” versus o mundo dos “sinalizados”.

Os “oralizados” aprenderam a fazer leitura labial e a falar foneticamente. Aqueles que se comunicam através de sinais fazem parte do universo de surdos que utilizam LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais) para se expressarem. A escolha por pertencerem a uma corrente ou outra se dá quando ainda crianças, pelas preferências dos pais de como educar seus filhos surdos. Porém, quando adultos, podem determinar de que forma se sentem confortáveis

### Ficha Técnica

Direção e roteiro: Dorrit Harazim  
Duração: 58 minutos  
Produtora: VideoFilmes  
Ano de Produção: 2004

para se comunicarem, conforme depoimentos exibidos no documentário.

Há uma profusão de histórias de vida: cerca de 40 pessoas foram entrevistadas, criando uma ampla discussão sobre o tema e mostrando vários pontos de vista tanto dos surdos quanto de suas famílias que, inclusive, compõem uma parte fundamental no documentário. A família, principalmente a figura da mãe, tem papel decisivo na tomada de decisão sobre a futura educação de seu filho. Irá levá-lo para uma escola que ensine LIBRAS? Tentará “oralizar” seu filho para que possa ser integrado a uma escola? Se possível, irá colocar algum tipo de aparelho auditivo para que seu filho tenha possibilidade de escuta e fala? As escolhas se dão para além das - mas também por - questões financeiras, pois perpassam preferências familiares ou culturais.

Dentro desta gama de personagens no vídeo, podemos dividi-los em quatro grupos: 1 – Aqueles que fizeram o implante coclear<sup>2</sup> (espécie de aparelho que fica acoplado no lado externo e superior do ouvido); 2 – Filha ouvinte e pais surdos; 3 – Grupo dos “oralizados” e 4 – Grupo dos “sinalizados” (“manualistas”).

No primeiro grupo vemos a angústia de um casal “ouvinte”, ou seja, sem dificuldades de escuta, com o nascimento do primeiro filho surdo. Podemos ver a demora do diagnóstico, o sentimento de culpa por seu filho nascer surdo, a procura de informações e médicos especializados e a tomada de decisão pelo implante coclear, realizado com sucesso. Com o nascimento da segunda filha, a decisão pelo implante foi tomada novamente, mesmo com o desejo da mãe de saber mais sobre o aprendizado de LIBRAS.

O segundo caso sobre o implante coclear é de uma adolescente de 16 anos, que ficou surda aos seis, quando contraiu caxumba. O depoimento da mãe sobre a reação da sua filha surda após a doença, quando já sabia falar, causou revolta na criança, principalmente quando percebia que as pessoas estavam conversando e ela não podia escutar. Como o implante foi colocado naquele mesmo ano na menina, aos 16 anos ela leva uma vida como uma adolescente de sua idade: escuta, fala e tem uma ótima interação social.

Já no segundo grupo, vemos um único caso de uma mulher filha de pais, tios e avós surdos, que considera a linguagem LIBRAS sua “primeira língua”, aquela que os pais ensinaram para se comunicar com a filha. Só aprendeu a falar quando foi matriculada em uma escola, sendo conhecida como “a filha dos mudinhos”. Desde criança, é a ligação dos seus pais com o mundo, resolvendo os problemas como a negociação da compra do apartamento da família, aos dez anos de idade. Quando foi perguntado para o seu pai se gostaria de um neto surdo ou “ouvinte”, a sua resposta foi que gostaria de ter um neto surdo para poder passar a sua liderança na comunidade, enquanto a filha responde que não saberia em qual escola colocar um filho surdo.

No grupo dos “oralizados” temos as cenas iniciais e finais do vídeo, que mostram crianças sendo ensinadas a escutar e repetir alguns sons e palavras, indicando o começo da aprendizagem do falar foneticamente. Três histórias são centrais: a de um surdo de nascença, de outro, que ficou surdo por erro médico; e ainda outro, cuja surdez é seqüela de meningite. As mães dos dois primeiros se assemelham quanto a preocupação de seus filhos conseguirem interagir no mundo dos “ouvintes”. As duas mantêm as suas escolhas, de terem oralizado os filhos, que endossam o discurso das mães mesmo para não criar conflitos: um deles, cuja mãe

evidencia que não deseja ter netos deficientes, começa a namorar uma menina surda, deixando claro que não deseja isso

O entrevistado surdo de nascença diz que ter um filho surdo seria difícil, enquanto sua mãe intervém dizendo que seria realizado o mesmo trabalho que foi feito com ele e que há tempo, ainda, para aprender LIBRAS. O filho responde que já é tarde, nem sabe dizer se seria mais feliz se tivesse aprendido. A mãe, psicóloga do Centro de Pesquisas Auditivas da Universidade de São Paulo (Campus Bauru), afirma “como mãe”, que crianças que possam receber o implante coclear ou que possam ser “oralizadas” não deveriam aprender LIBRAS, porque, na sua opinião, “serão mais felizes”. Como profissional, está aprendendo para poder se comunicar melhor com os surdos na Universidade.

Eis aí uma questão importante levantada por esse documentário: para um surdo, o que seria uma vida feliz? Poder expressar através da fala a comunicação com os “ouvintes” ou interagir socialmente com seus semelhantes, surdos “manualistas”, não “oralizados”? A felicidade é uma descoberta cuja resposta irá depender dos próprios desejos e expectativas de cada surdo. Contudo, cada família cria o seu ideal de felicidade para os seus filhos surdos, principalmente entre os pais “ouvintes”. Eles esperam que seus filhos consigam se socializar para fazer parte de um mundo cuja capacidade de escuta e fala é sinônimo de uma vida feliz, completa.

Com um discurso mais moderado, a mãe do entrevistado surdo por seqüela fala da interação social quando criança, de suas habilidades, por exemplo, nos esportes. Ela percebeu mudanças no comportamento quando o filho fez 14 anos. Convites para festas de aniversários em boates não eram atrativos, já que estaria em um ambiente escuro, onde não poderia fazer a leitura labial e não teria como dançar. Ele começou a frequentar a comunidade surda, aprendeu LIBRAS e começou a namorar uma menina surda. Para ele, “falar” é sacrificante, tendo que ter consciência sobre o que vai dizer e com a articulação da boca, entre outras preocupações. O aprendizado de LIBRAS foi libertador: fez com que se sentisse “mais solto” e, ao mesmo tempo, ligado a um grupo de iguais, encontrando uma forma de comunicação fácil e sem sofrimento. Sua mãe viu a felicidade de seu filho e sua angústia pelo seu futuro foi dissipada. Uma importante questão foi abordada por ela: a “reaceitação” do filho após o diagnóstico de surdez como consequência de uma doença. Para ela, o importante é que o filho seja feliz, seja no mundo dos “oralizados” ou dos “sinalizados”.

Na travessia desses dois mundos estão dois irmãos forçados a serem “oralizados” pela mãe, com fonoaudiólogos

e professoras que batiam em suas mãos se tentassem fazer algum tipo de sinal. Quando adultos, ambos aprenderam LIBRAS e se expressam tanto por essa linguagem quanto pela fala. O que importa, segundo um deles, é o sentimento que entendem e expressam. O outro declara: “o ouvido do surdo é o silêncio onde o barulho não entra”. Um deles é aluno do INES.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, instituição localizada no Rio de Janeiro criada em 1857, é um símbolo do mundo dos “sinalizados”. Tem como princípio o ensino de português e LIBRAS, oferecendo também diversas oficinas, como destacadas no documentário quando os alunos vão para uma aula onde aprendem a sentir, através da caixa de som, o ritmo de uma música. Nas salas de aula professores e alunos se comunicam através de LIBRAS e escrevem em português, mas alguns professores necessitam de uma pessoa para fazer a tradução de tudo o que está sendo ensinado. Vemos entre os alunos uma enorme interação, de que a comunicação visual faz parte.

Para aqueles que se comunicam em LIBRAS, temos personagens muito diversos aquele que não aceitou participar do documentário quando a equipe chegou à sua casa com sua mãe; o ator que desistiu de usar aparelho auditivo, e aquele que estudou no INES, sabe LIBRAS, mas tem dificuldades para se comunicar com o pai. Todos surdos de nascença.

O ator, personagem marcante no grupo que se comunica em LIBRAS, formou-se em teatro pela National School for the Deaf, de Nova York. Podemos dizer que em sua fala temos o discurso mais engajado: defende que os surdos que utilizam LIBRAS têm a sua língua, sua identidade e cultura, distinguindo-se dos surdos “oralizados” – que, segundo ele, não possuem identidade própria. Perguntado sobre como é ser surdo no Brasil, faz uma comparação com os Estados Unidos, dizendo que, quando chegou à cidade de Nova York, viu os surdos americanos “cantando” o hino do país através de sinais; emocionado, lembrou que no Brasil as pessoas cantavam o hino e ele ficava quieto com a mão direita no peito. No final de sua entrevista, ele “canta” o hino brasileiro com sinais, utilizando o que aprendeu no teatro para expressar o sentimento de cada palavra.

A “cultura surda”, marcada pela forma visual de comunicação (linguagem de sinais) e pela interação daqueles que fazem parte desse grupo, como nas Federações e Associações de surdos, surge no documentário tanto no Clube Alvorada, Sede da Federação Desportiva de Surdos do Rio de Janeiro, quanto no INES, onde os alunos utilizam Libras como forma de comunicação. Podemos perceber que nessas duas instituições, a socialização dos surdos é intensa, formando uma rede social onde podem interagir e construir amizades com iguais. A surdez não seria uma anormalidade

ou deficiência, mas fundamentada na diferença linguística, ou seja, na forma como se comunicam. Segundo Diniz (2003), para aqueles que defendem a cultura surda o que existe é uma fronteira entre surdos e “ouvintes”, delimitada pela audição, que não justifica “o confinamento dos surdos ao estigma social do patológico ou do anormal e passível de ser medicalizado ou curado”.

No documentário *Travessia do Silêncio*, podemos dizer que a comunidade surda adota a linguagem LIBRAS como forma de comunicação e aqueles “oralizados”, que no vídeo são de classe média, não estão no mundo dos “ouvintes” e nem se sentem pertencentes a esta comunidade. Para Gesueli (2006) os surdos que não se identificam com seu grupo, não dominam a língua de sinais e não se sentem inseridos totalmente dentro do universo dos “ouvintes” possuem uma “identidade fragmentada”, pois sua comunicação com o mundo “sempre esteve pautada em exercícios e práticas artificiais (língua transformada em código)”.

Para além da polêmica desses dois mundos, o documentário nos faz refletir sobre a educação de surdos no Brasil e como o mundo dos “oralizados” e dos “sinalizados” são distantes, mas, ao mesmo tempo, podem ser aproximados quando há uma busca por aqueles que querem interagir com a comunidade surda, aprendendo LIBRAS e se relacionando com seus semelhantes.

## Notas

1. *Travessia do Silêncio* faz parte de uma série de seis documentários de Dorit Harazim: *Travessia do Escuro*, que retrata três personagens que passaram a vida sem saber ler e escrever; *Travessia da Vida*, que aborda a trajetória da Dra. Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança; *Travessia do Tempo*, sobre um detento que passou 27 dos seus 52 anos preso no Carandiru; *Travessia da Dor*, que acompanha a luta de dois nadadores em busca do índice Olímpico e a *Travessia do Ar*, que mostra o árduo treino das ginastas da equipe brasileira para as Olimpíadas.

2. Segundo o documentário, o implante coclear se caracteriza pelo seguinte processo: um microfone externo capta o som, que é codificado em sinais elétricos transmitidos por antena para eletrodos implantados no ouvido. Assim, o cérebro registra a informação como sensação auditiva.

3. Na fala desses dois personagens foi utilizado o recurso de legendas no documentário.

## Referências

DINIZ, D. Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez. *Cadernos de Saúde Pública*. v.19, n.1, p.175-181, 2003.

GESUELI, Z.M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.27, n.94, p.277-292, 2006.